



Dure críticas
percebidas
A antiga e icônica placa
com o sinal de "curtir",
inventada pelo Facebook,
no perfil geral
de gigante do Vale do
Silício americano em
Menlo Park, Califórnia

Plata, professor da Escola de Comunicação, Mídia e Informação da FGV (FGV ECOMI), cita como mudança mais significativa a forma de as pessoas consumirem informação. O feed, ou "linha do tempo", virou paradigma para produtos digitais e mudou o cotidiano.

Distúrbios sociais se tornaram menos rígidos e conviveram com opiniões dos outros de modo constante trouxe uma transformação significativa. Mas, assim como os encontros virtuais, o Facebook inaugurou a era de discórdias em redes sociais, cujos algoritmos favorecem a formação de bolhas de opinião. E teve suas próprias polémicas, como o mapeamento controverso de comportamentos de usuários para fins publicitários ou políticos, nem sempre com a autorização expressa dos internautas para o uso dos dados.

É crescente também a cobrança da sociedade sobre a responsabilidade das gigantes de tecnologia em relação aos riscos a que usuários, particularmente os mais jovens, estão expostos em suas plataformas, como predadores sexuais, golpistas, teorias da conspiração e dramas psicológicos como os que envolvem suicídios de adolescentes.

FUTURO FRAGMENTADO

A essa crítica, a Meta continua a dizer que trabalha no aperfeiçoamento de mecanismos para colar esses riscos, mas sempre na linha de que são os usuários os responsáveis pelo que postam nas plataformas.

para uma conta no WhatsApp — diz Rogério Salgado, fundador da Agência Explorer.

Na constante disputa concorrencial, a Meta dobrou a aposta em influenciadores, desalojando investimentos no metaverso e voltou a focar no que sempre fez caixa: a publicidade. Em 2021, investiu US\$1 bilhão (cerca de R\$ 5 bilhões) em criadores de conteúdo. Em duas décadas, liderou as mudanças impostas pelas redes a vários negócios de produção de conteúdo, da música e do audiovisual ao jornalismo. Nessa nova economia dos influencers, quem dita as regras — fica com a maior parte dos ganhos, em detrimento dos criadores de conteúdo — são as plataformas.

Em 2024, a expectativa é que a companhia acelere sua nova aposta: a introdução da inteligência artificial generativa nas redes. Em setembro do ano passado, Zuckerberg anunciou que as plataformas teriam em breve chatbots de IA generativa para interagir com usuários e criar conteúdo.

As mudanças para anunciantes feitas com IA já aparecem nas receitas da empresa, que subiram 16% no ano passado, para US\$ 134 bilhões. A Meta já fala em criar a IA geral, algo capaz de superar a capacidade cognitiva humana.

Assim como ao longo dos últimos 20 anos, Zuckerberg está sempre em busca de novas rotas para se manter no topo. Em alguns casos, inovações de suas redes alteraram a própria dinâmica de uso da internet — para o bem e para o mal. Victor

Escândalo colocou na sala o elefante da falta de regulação

Com revelação do uso não autorizado de dados de perfis da rede pela Cambridge Analytica para marketing político direcionado, países com regras chegaram a 160

CAMILA TURTELLI E CAROLINA SALAIN
economia@globonline.com.br

As informações de seu perfil, as páginas que você curte, sua data de nascimento, a cidade onde mora e os amigos que você tem. Informações como essas pertencentes a 87 milhões de usuários foram compartilhadas indevidamente pelo Facebook com a Cambridge Analytica, empresa de análise de dados, para fins políticos.

O caso veio à tona em 2018, revelado pelos jornais The New York Times e The Guardian, que detalharam como os dados foram vendidos pelo Facebook para a empresa de marketing político. Com essas informações, a Cambridge Analytica adotou o microtargeting (ataques focais de usuários), com anúncios personalizados, em alguns casos com conteúdo falso ou teorias da conspiração, para manipular visões políticas dos eleitores. As estratégias influenciaram tanto na vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais americanas, como no referendo do Brexit, que aprovou a saída do Reino Unido da União Europeia, ambos em 2016.

A Cambridge Analytica acessou essas informações a partir do teste psicológico "thisisyourdigitallife", que oferecia a usuários do Facebook previsões do futuro a partir de informações de personalidade. Com um quiz, o aplicativo construiu um perfil de cada usuário e recolhia não só os dados dos que faziam o teste, mas também os de seus amigos. O consentimento previa o compartilhamento das informações apenas de quem respondeu o teste para fins acadêmicos, não comerciais. Mas os dados dos usuários e de seus contatos acabaram sendo comprados pela Cambridge Analytica para veicular propagandas políticas direcionadas.

O escândalo marcou um ponto de inflexão para o Facebook — que mudou sua política de dados e seus termos de serviço — e motivou uma onda de novas leis sobre privacidade. Desde então, o número de países com regulamentos para privacidade chegou a 160, segundo o relatório do pesquisador David Baer, da London School of Economics (LSE). A principal resposta veio da União Europeia de Proteção de Dados (GDPR), aprovada em maio de 2018, e que serviu de base para a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) no Brasil, dois anos depois. Em 2022, a UE aprovou a lei de serviços digitais que, entre outros pontos, proíbe a publicidade direcionada por definição de perfis a partir de opiniões políticas.

DISCUSSÕES LENTAS NO BRASIL

Nos EUA, porém, não há uma lei abrangente de privacidade de dados que se aplique a todas as empresas americanas e aos tipos de informação coletadas. Prevalece a noção de que o usuário deve negociar com as empresas os limites para uso de seus dados.

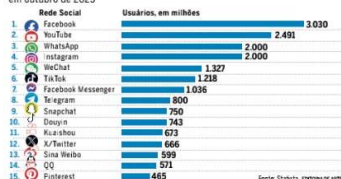
— O escândalo da Cambridge Analytica alertou o herde da democracia no mundo. CEOs da big tech foram depor-



Sob pressão. Fundador e CEO da Meta, Mark Zuckerberg comparece a sessão no Senado em 2018

RANKING DAS REDES SOCIAIS

Os aplicativos mais populares, segundo número de usuários ativos mensais em outubro de 2023



Fonte: Statista (dados em milhões)

se um constrangimento muito grande — diz Rose Marie Santini, diretora do Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais (Netlab) da UFRJ.

Na ocasião, o Facebook fez um acordo para encerrar a investigação, pagando uma multa de US\$ 5 bilhões. O Facebook afirma ter hoje 40 mil pessoas trabalhando em segurança e proteção, com mais de US\$ 20 bilhões investidos em equipes e tecnologia nessa área desde 2016.

Segundo Ricardo Campos, professor de Direito na faculdade de Frankfurt, na Alemanha, a Primavera Árabe já tinha chamado atenção para a influência das plataformas nos movimentos sociais. Mas foi o "Caso Cambridge" que consolidou a noção de que as grandes redes sociais se tornaram um elemento central na esfera pública.

Ele destaca que a lei brasileira não dá conta de todos os desafios. A LGPD protege dados pessoais de usuários, mas ainda não há lei para garantir a "integridade da informação", ou seja, sua confiabilidade e veracidade.

— Não temos leis para combater notícias falsas no Brasil.

Há quatro anos debatendo um projeto para regulamentar o uso das redes sociais no Brasil, parlamentares querem avançar com o tema neste ano, às vésperas das eleições municipais, em um cenário de avanço da inteligência artificial e casos recentes de uso político dessa tecnologia em desinformação.

Na Câmara, o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), relator do projeto conhecido como PL das Fake News, quer retomar articulação para aprovar o texto já na volta do recesso, no início deste mês. A Câmara aprovou a urgência do projeto, mas, após forte pressão da oposição e de big techs, a votação foi adiada.

— Vamos voltar a falar sobre o tema na retomada das atividades da Câmara — disse Silva ao GLOBO.

RISCOS COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), também quer avançar nisso após o recesso. Entende que é papel do Congresso tratar da regulação. Já no Senado, a intenção é avançar com a Comissão Temporária de Inteligência Artificial, prorrogada no fim do ano passado, uma das bandeiras do presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

— Há uma busca por governança regulatória para colir a ligação da IA com conteúdos falsos. E ainda estamos arranhando a superfície do que a inteligência artificial vai trazer — alerta Christian Perreine, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio).

Mais uma vez a UE saiu na frente: o bloco fechou um acordo provisório em dezembro sobre o AI Act (regras para o desenvolvimento da IA) e quer aprovar em breve o marco legal junto aos membros e ao Parlamento Europeu.

2012

Um ano após lançar o Messenger, supera 1 bilhão de usuários, compra o Instagram e estreia na Bolsa valendo US\$ 104 bilhões.

2014

Zuckerberg adquire o WhatsApp

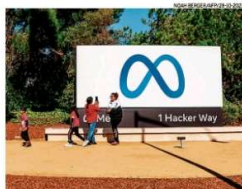


Ação estreia. Meta hoje vale US\$ 1,2 trilhão

por US\$ 22 bilhões e começa a investir nas transmissões de vídeo, com o lançamento do Facebook Live no ano seguinte.

2018

Escândalo Cambridge Analytica abala a reputação da rede social, levanta debate sobre influência política e estimula regulações de redes sociais no mundo. Zuckerberg passa cinco horas depoendo no Congresso dos EUA.



2021

Zuckerberg muda o nome da empresa de Facebook para Meta, sinalizando a aposta no metaverso e tentando separar o futuro do negócio do escrutínio sobre a rede original. A icônica placa com o sinal de "curtir" na sede, em Menlo Park, Califórnia, é trocada pelo novo logo. A "holding" de redes sociais é hoje a quinta maior empresa em valor de mercado. Seu líder é um dos mais ricos do mundo.